



# BEM-AVENTURADOS FRANCISCO E JACINTA MARTO

BOLETIM DOS PASTORINHOS – JANEIRO - MARÇO 2005 (ANO 43)

## 2005 - ANO DA EUCARISTIA

Em 2004, na festa do Corpo de Deus, João Paulo II proclamou o Ano Santo da Eucaristia – de Outubro de 2004 a Outubro de 2005 –, preparado com a primeira encíclica do terceiro milénio sobre a Santíssima Eucaristia. Nela escreve o Papa: «Desde o Pentecostes, quando a Igreja, povo da nova aliança, iniciou a sua peregrinação para a pátria celeste, este sacramento divino foi ritmando os seus dias, enchendo-os de consoladora esperança.»

da Cristandade sobre a Eucaristia, anterior à Reforma.

O fresco mostra, ao centro, um altar, sobre o qual está colocada uma grande custódia com a Hostia consagrada; por cima paira o Espírito Santo, mais acima Cristo ressuscitado, tendo a seu lado Nossa Senhora e João Baptista e, no cimo de tudo vê-se o Pai Celestial ladeado de Anjos. A meio do quadro, sentados em nuvens estão Pedro, Adão e Moisés, Abraão, o rei David, Jeremias e Santo Estêvão.



À entrada do museu do Vaticano, na sala da *Signatura Apostólica*, na parede oposta aquela onde se vê a «Escola de Atenas», o jovem Rafael pintou, no ano de 1509, o seu primeiro fresco intitulado *Disputa del Sacramento* sobre a Eucaristia, sacramento central da Igreja Católica. Nessa altura não fora ainda afixada, em Wittenberg, a doutrina de Lutero. Por isso podemos considerar uma preciosidade esta *Disputa del Sacramento*, na qual Rafael confirma a doutrina

Na parte inferior da pintura, doutores, como Agostinho, e Tomás de Aquino, juntam-se a Papas e artistas como Bramante e Beato Angélico; toda a cena se dispõe ao redor do minúsculo pedaço de pão num aro dourado, o 'rosto eucarístico de Cristo', como lhe chama o Papa João Paulo II e a «medicina da imortalidade, antídoto da morte», nome que Inácio de Antioquia já lhe dava no século II.

Não foi a Última Ceia que Rafael quis representar nesta

sala, mas unicamente a Hóstia no seu triunfo esmagador sobre toda a sabedoria do mundo e da antiguidade.

A sala da *Signatura* apresenta-se como pérola do museu do Vaticano. Atravessada, de manhã à noite, pela corrente de visitantes que se dirigem à Capela Sixtina, inundada profusamente de luz, como que indicando aos visitantes o que era, e o que é também hoje, a Sagrada Eucaristia.

Para os não-católicos, a doutrina da Igreja católica sobre a Eucaristia é um escândalo, mas na realidade a revelação de algumas das grandes verdades eternas entraram no mundo como escândalos para a maioria das pessoas. Mencionemos os três maiores na História das religiões:

Temos de recuar 3500 anos para encontrarmos o primeiro, que aconteceu no Próximo Oriente, quando algumas tribos nómadas, começaram a espalhar, entre outras, a novidade: «Não existem centenas de deuses, como vós acreditais. Existe, sim, um só Deus que, não criou apenas o céu e a terra, mas também as estrelas do firmamento que vós pensais serem deuses. Esse único Deus é o nosso Deus.»

Segundo os historiadores, essa afirmação dos judeus foi um atrevimento colossal, um escândalo, uma incrível ousadia!

O segundo grande escândalo deu-se mil anos mais tarde quando, em Israel, se ergueram 12 homens e algumas mulheres contra os escribas e doutores da lei afirmando: «O Criador do céu e da terra é diferente daquele que nós até agora imaginávamos. Foi Ele que se manifestou pessoalmente entre nós; tornou-Se homem, viveu entre nós, comeu connosco e vós O prendestes e matastes. Ele, o Cordeiro de Deus, deixou-se matar aqui em Jerusalém. Mas o túmulo não podia prendê-LO; Ele saiu do túmulo e continua a viver. Nós vimo-LO, festejámos com Ele de novo a Ceia.»

Não é de admirar que esta notícia causasse mais escândalo aos ouvidos dos homens da Judeia, Samaria e da Galileia, do que o da grande novidade da fé dos judeus num Deus único que espantara mil anos antes os habitantes do Egipto e da Babilónia.

O terceiro escândalo superou os anteriores, embora nos últimos séculos tenha havido silêncio em sua volta.

Já na época em que Jesus anunciara este Pão do Céu, os judeus murmuraram contra Ele. «E o pão que hei-de dar é a minha carne pela vida do mundo....Se não comerdes a carne do Filho do homem, e não beberdes o Seu sangue, não tereis a vida em vós... Porque a minha carne é, em verdade, uma comida e o Meu sangue é, em verdade, uma bebida...» «Depois de terem ouvido isto, muitos dos Seus discípulos disseram: Duras são estas palavras! Quem pode escutá-las? Conhecendo Jesus interiormente o que os Seus discípulos murmuravam, disse-lhes: Isto escandaliza-vos?... A partir de então muitos dos Seus discípulos retiraram-se e já não andaram com Ele.»

Depois da ressurreição de Cristo, que era o grande tema das pregações dos apóstolos, a Igreja começa a desenvolver-se primeiro entre os judeus e pagãos. E já nesta Igreja dos primeiros tempos se afirmava e se confessava que, em cada ceia os cristãos se reuniam em memória da última Ceia com Jesus; consagrava-se pão e vinho, e seguidamente comia-se o pão e bebia-se do cálice - pois o próprio Jesus, o Cordeiro Pascal, tornava-se inteiramente presen-

te neste Pão e neste Vinho. Não se tratava unicamente de um sinal, de uma recordação piedosa, mas sim de uma presença real e verdadeira.

«Nós oferecemos sempre o mesmo Cordeiro, e não hoje um e amanhã outro», escreveu já no século IV João Críóstomo. «O pão é o Corpo vivo de Cristo, – comentava também Ephrem da Síria, – e cada um que come com fé, come fogo e espírito.» Isto quer dizer que Deus está presente no Pão Eucarístico, não só simbólica, mas também, ontologicamente; não só como que um sinal recordando a última ceia, mas em verdade. E porque é mesmo assim, cada partículazinha de pão consagrado, tanto durante a celebração eucarística como também depois, contém o próprio Deus.

Em volta desta fé desenvolveu-se, mais tarde, no Ocidente, a piedade sacramental que ainda hoje se confessa e que nem sequer na Igreja Ortodoxa existe.

A devoção eucarística assegura a substância transformada daquele pão eucarístico guardado no ouro do «Tabernáculo» ou «Sacrário». Perto, vê-se a luz do óleo. Incenso e genuflexões acompanham a bênção solene com a Hóstia da «Custódia», – tudo isso é para os olhos, os ouvidos, para o olfacto e para a inteligência. São as antigas formas de veneração ao Imperador bizantino mas, aqui, não se tributam a um imperador ou a um homem, mas a um pedaço de Pão Consagrado. O «Santíssimo» era outrora o Tabernáculo, o lugar mais interior do templo judaico, onde Deus morava na palavra do Torah.

Depois da Reforma, o Concílio de Trento veio reafirmar que, em cada Hostia consagrada, se encontra «verdadeira e substancialmente» o Corpo e o Sangue de Jesus.

Isto ultrapassa todo o conhecimento humano – e fascinou muitos, desde Tomás de Aquino aos Pastorinhos de Fátima. Foi a perseverança radical de fé no Pão Consagrado, que salvou a Igreja Católica de se transformar, durante os séculos, numa simples visão ideológica.

Para os católicos, a mesa eucarística não é somente a distribuição de pão, mas, neste pão, Deus está presente. Para eles é Deus num pedaço quebrável e transitório de pão.

Embora incrível para os não-católicos, este pão é, desde o tempo dos apóstolos, o coração da Igreja Católica – mesmo havendo católicos que dificilmente aceitem esta verdade. Realidades ontológicas nunca dependerão de maiorias mutáveis. E assim ficará como o último escândalo na história das religiões: «Isto é o meu Corpo, isto é o meu Sangue.»

Inacreditável para os que não pertencem à Igreja Católica e encontram escândalo naquilo que os católicos acreditam na Celebração Eucarística!

Tanto o Concílio Vaticano II, como também João Paulo II, chamam à Eucaristia «sacramento supremo da unidade do Povo de Deus, a sua condigna expressão e fonte insuperável.» (Nº 43)

«A ausência da comunhão eucarística entre aqueles que confessam a Jesus Cristo é, sem dúvida, um sinal especialmente doloroso: cristãos ligados pelo santo baptismo e separados na celebração da Eucaristia!», lamentou com tristeza o Santo Padre num Encontro Ecuménico em Varsóvia, em 8 de Junho de 1987.

«O cálice da bênção que abençoamos não é a comunhão do sangue de Cristo? E o pão que partimos não é a

comunhão do corpo de Cristo? Uma vez que há um só pão, nós, embora sendo muitos, formamos um só corpo, porque todos participamos do mesmo pão.» (1 Cor 10,16-17) Estas palavras de São Paulo indicam o carácter unificador da Eucaristia. A Eucaristia une os cristãos com Cristo e também àqueles que crêem em Cristo.

Este carácter unificador da Eucaristia levanta, para o Ecumenismo, uma pergunta muito séria: poderá a celebração eucarística unir também crentes de convicções religiosas diferentes a respeito da Eucaristia?

O Papa dá a resposta na sua Encíclica com as palavras do Concílio Vaticano II: «São plenamente incorporados à sociedade que é a Igreja aqueles que, tendo o Espírito de Cristo, aceitam toda a sua organização e os meios de salvação nela instituídos, e que, pelos laços da profissão da fé, dos sacramentos, do governo eclesiástico e da comunhão, se unem, na sua estrutura visível, com Cristo, que a governa por meio do Sumo Pontífice e dos Bispos.»

O Ano da Eucaristia, segundo João Paulo II, deve ajudar os católicos a aprofundarem mais este grande mistério e venerar mais intensivamente Jesus – escondido sob as espécies do pão e vinho; deve também ajudar a aproximação das diferentes igrejas cristãs na compreensão da Eucaristia. Nem o Ano da Eucaristia, nem a Encíclica da «Igreja da Eucaristia» querem adiar a hora da concelebração eucarística para aqueles que confessam a fé em Jesus Cristo. No entanto, o esforço ecuménico contém um aviso: a concelebração eucarística não pode servir como um meio para alcançar a unidade. As diferentes igrejas confessam o mesmo Deus e certamente um dia chegará a hora do empenho ecuménico em que a palavra «inter» se tornará supérflua tanto para a celebração, como também para a comunhão. «No entanto, – segundo João Paulo II – até lá será necessário fazer ainda um caminho bastante longo.»

Quem acha a fé da Igreja Católica na Santíssima Eucaristia absurda e tola, não será o primeiro a fazê-lo e é acompanhado de muitos outros, visto as igrejas protestantes não partilharem da compreensão do sacramento da Igreja Católica. Porém não esperem os protestantes que os católicos abandonem esta fé, sem renunciarem a si próprios e muito menos o esperem da parte do próprio Papa.

Na Quinta-Feira Santa, do passado ano, na sua Carta Apostólica, da *Disputa do Sacramento*, João Paulo II defende, em 62 capítulos, mais uma vez «bem catolicamente», a fé dos católicos.

A escritora católica Flannery O’Conner da Georgia, USA, terminou uma disputa com os anglicanos com a frase: «Quem afirmar que a Eucaristia não é mais do que só um símbolo de Jesus, então eu digo: fora com ele!»

(No número seguinte: A devoção dos Bem-aventurados Pastorinhos à Sagrada Eucaristia)

## O PROCESSO DOS PASTORINHOS

A pedido da Juventude Católica Masculina e Feminina, D. José Alves Correia da Silva, Bispo de Leiria, solicitou e recebeu licença da Sagrada Congregação dos Ritos (Rescriptum L.16/950), em 29 de Março de 1950, para organizar o Processo Diocesano sobre a fama de santidade, virtudes e milagres dos dois Pastorinhos Francisco e Jacinta Marto, a quem Nossa Senhora aparecera.

Em 28 de Abril de 1952 nomeou o Cónego João Pereira Venâncio, Postulador, e também os membros do Tribunal.

O Processo iniciou-se em 30 de Abril 1952 com o juramento do Postulador e de todos os membros que, durante 25 anos, realizaram 63 sessões sobre o Francisco, com os depoimentos de 25 testemunhas e 77 sessões sobre a Jacinta com depoimentos de 27 testemunhas. Depois do interrogatório e leitura das afirmações da Irmã Lúcia, em Coimbra, a 8 de Junho de 1979, o Processo da Jacinta encerrou-se em 2 de Julho de 1979 e o do Francisco em 1 de Agosto de 1979. Os dois processos foram entregues pelo Postulador, à Sagrada Congregação dos Santos, em 3 de Agosto 1979 .

Depois da morte do Bispo de Leiria, D. José Alves Correia da Silva, foi nomeado seu sucessor D. João Pereira Venâncio, o qual, querendo dar andamento aos Processos iniciados em 1952, em 3 de Março de 1961, em seu lugar, nomeou Postulador Diocesano dos Processos o P. Luis Kondor SVD, o qual com o juramento em 17 de Abril de 1961 iniciou o seu trabalho.

Em 27 de Abril de 1979, o P. Luís Kondor, como Postulador, acompanhou D. Alberto Cosme do Amaral, Bispo de Leiria a Roma, onde foram recebidos pelo Papa João Paulo II, em audiência privada. O Postulador pediu a atenção do Sumo Pontífice a respeito duma possível Beatificação dos dois Servos de Deus.

A 13 de Dezembro de 1979 foi nomeado para Roma, o Pe. Molinari SJ como Postulador das Causas *in urbe* e seguidamente, a 14 de Dezembro de 1979, o Pe. Luís Kondor como Postulador *extra urbem*.

Para a Canonização dos Pastorinhos, sendo crianças de tenra idade e não-mártires, existia para a Congregação a proibição do Papa Pio XI de 1937, de tratar os Processos de Canonização de crianças e de jovens, aceitando assim o Papa a opinião das diferentes Comissões da Congregação de eles serem incapazes de praticar virtudes heróicas.

D. Alberto Cosme do Amaral, Bispo de Leiria, em 1979 pediu a todos os bispos diocesanos da Igreja, para manifestarem a sua opinião ao Santo Padre numa carta Postulatória a respeito duma possível canonização dos Pastorinhos, que nas suas dioceses já gozavam duma grande fama de santidade. Um extraordinário eco de admiração foi a resposta da parte dos Bispos e do Povo de Deus, testemunhando o heroísmo dos Pastorinhos, a sua santidade que arrasta os fiéis para o mesmo caminho de vida, as invocações em diversas necessidades e a sua intercessão junto do trono de Deus. A Postulação também relatou nessa altura para a Santa Sé a grande chuva de graças, cerca de 1.000 cartas ou relatórios anuais, dos mais variados campos.

A Sagrada Congregação, profundamente impressionada com estas comunicações, procurou um novo caminho para avançar as Causas dos Pastorinhos: numa Assembleia quis fazer um estudo profundo sobre o problema psicológico e teológico, em ordem ao possível reconhecimento, pela Igreja, da heroicidade de virtudes em crianças santas - não mártires.

A Sessão plenária teve lugar em Roma do dia 31 de Março ao dia 2 de Abril de 1981. Sobre este tema foram chamados a pronunciar-se psicólogos, pedagogos, sociólogos, médicos e teólogos de diferentes ramos da teologia, desde a teologia moral à ascética e mística. «É certo que, na ordem natural, há prodígios de engenho e de arte entre as crianças, uma vez que se fala de crianças-prodígio. Se Deus opera

assim na ordem da natureza, não poderá também fazê-lo numa ordem absolutamente superior, que é a ordem da graça? A graça divina não poderá levar o homem, ainda que na sua pré-adolescência, a ideais que estão para além das possibilidades naturais, conferindo para isso meios sobrenaturais eficazes para se atingirem?» (Interrogação de Cardeal Palazzini, Prefeito da Congregação para as Causas dos Santos.) O resultado, posteriormente submetido ao estudo dos Cardeais, foi favoravelmente votado e seguidamente aprovado pelo Santo Padre.

A 20 de Dezembro de 1979 foram abertos os processos em Roma e em Fevereiro de 1982 terminaram os trabalhos de tradução de língua portuguesa para a língua italiana.

Em 5 de Outubro de 1984 a Congregação nomeou P. Peter Gumpel como Relator, para a elaboração da Positio.

Em 16 de Dezembro de 1988, na reunião do Congresso Especial, o Promotor Geral da Fé e os 8 Consultores da Teologia entregaram os seus votos favoráveis sobre a heroicidade das virtudes dos Pastorinhos.

Em 13 de Maio de 1989 João Paulo II decretou a heroicidade dos Servos de Deus Francisco e Jacinta Marto.



Com este decreto foi oficialmente reconhecida a santidade dos dois Pastorinhos e a partir desta data eles são particularmente veneráveis como santos.

São os Pastorinhos de Fátima, Francisco e Jacinta Marto o primeiro caso na História da Igreja, em que foi reconhecida a heroicidade de virtudes em crianças.

Para o seu culto público o Código exigia um milagre por sua intercessão, que devia ser cientificamente provado. Para isso serviu a cura de Maria Emília Santos.

Para investigar esta cura, a Diocese de Leiria instruiu um inquérito diocesano que foi entregue em Roma, na Congregação para as Causas dos Santos em 26.6.1997.

O Colégio Médico do Dicastério, na sessão de 28 de Janeiro de 1999, declarou por unanimidade que a cura foi rápida, completa, duradoura e cientificamente inexplicável. No dia 7 de Maio do mesmo ano, realizou-se a Reunião Peculiar dos Consultores Teólogos e no dia 22 de Junho seguinte, a sessão Ordinária dos Padres Cardeais e Bispos. Em ambos os encontros, colocada a dúvida se se tratava de um milagre divino, a resposta foi afirmativa.

Feita a relação de todos estes factos ao Sumo Pontífice, o Papa João Paulo II, aceitando os votos da Congregação das Causas dos Santos, mandou que o decreto da cura fosse promulgado.

O próprio Sumo Pontífice decidiu que a Solene Celebração da Beatificação de Francisco e Jacinta se realizasse a 13 de Maio de 2000, e para isso veio a Fátima. Assim, o Papa João Paulo II, com a sua autoridade apostólica concedeu, de esta data em diante, que os Veneráveis Servos de Deus Francisco e Jacinta Marto fossem chamados Beatos e se pudesse celebrar anualmente a sua festa, nos lugares e segundo as normas do direito, no dia 20 de Fevereiro.

Para que esta festa e a sua veneração pública seja estendida para toda a Igreja, será necessário a Canonização, para a qual o Código exige mais um milagre por sua intercessão.

No dia 15 de Novembro o Vice-Postulador levou para Roma o Processo feito na Diocese Leiria-Fátima sobre a cura dum menino que sofria diabetes. No dia 16 de Novembro recebeu do Papa, na sua Capela Particular, a bênção para o Processo que logo no dia seguinte foi aberto pelo Cardeal-



Prefeito José Saraiva Martins, na Congregação das Causas dos Santos. Assim o Processo iniciou o seu percurso pelas diferentes Comissões da mesma Congregação.

Se a pergunta colocada com a dúvida, se se trata de um milagre divino, receber resposta afirmativa da parte da Consulta médica, dos Consultores Teólogos, Cardeais e Bispos, a Santa Igreja poderá acrescentar em breve ao Cãnone dos Santos os nomes dos Bem-aventurados Francisco e Jacinta Marto.

## SECRETARIADO DOS PASTORINHOS

Para corresponder à sua tarefa, o Postulador inaugurou em 20 de Fevereiro de 1963 a Sede da Postulação, chamada hoje Secretariado dos Pastorinhos, donde se dirige a Liga, se dão notícias sobre os Processos num Boletim em 7 linguas, e se editam livros, pagelas etc. para conhecer a vida dos Pastorinhos. Mantém também uma exposição sobre «Fátima 1917-2000», que é uma reconstrução documentário-fotográfica da História de Fátima.

BEM-AVENTURADOS FRANCISCO E JACINTA MARTO -Publicação trimestral - Director, Editor e Proprietário: P. Luís Kondor, SVD  
Secretariado dos Pastorinhos – Apartado 6 – 2496-908 FATIMA – PORTUGAL — Tel. 249 539780; 531282. Fax 249 539789.

E-Mail: Sec.pastorinhos@mail.telepac.pt. — D.G.G.S. Nº 101052 — Impresso na Gráfica Almondina. Preço: 0,05€

**Consulte o nosso site na Internet: [www.pastorinhos.com](http://www.pastorinhos.com)**